

BOA EDUCAÇÃO

Um jornal está fazendo uma campanha a favor das boas maneiras. Eu não sou propriamente o que se convencionou chamar "uma dama", e até hoje o jornalista J. Guimarães Menegale ri muito quando lembra que fui fazer uma reportagem perigosa e difícil confiando em minha simpatia pessoal, quando, em seu entender, o meu tipo é mais daqueles que inspiram a outras pessoas a frase "não sei, mas não vou com a cara daquele sujeito". No fundo, está visto, sou uma flor. Mas a questão que se levanta não é de fundo, é exatamente de forma.

O jornal tem razão. O carioca, outrora alegre e gentil, virou grosseiro e irritadiço. Sai de casa pela manhã como se não vivesse entre um povo cristão em uma cidade bonita, sai disposto a enfrentar sua batalha do Rio de Janeiro de todo o dia. Mantém para com o colega de bonde, ônibus ou lotação uma atitude de "neutralidade antipática" e para com o motorista ou cobrador de "beligerância em potencial". Não cede o lugar a nenhuma senhora e defende a tese de que todas as senhoras e senhoritas vão à cidade apenas comprar um carretel de linha; e quando cede o lugar a uma bonita acha que adquiriu com isso o direito de ser louca e imediatamente amado pela mesma. O "chauffeur" considera todo colega um "barbeiro" e todo pedestre um débil mental com propensão ao suicídio. O "garçon" irrita-se porque o freguês tem a ousadia de lhe pedir alguma coisa e cada freguês acredita ter o privilégio de ser servido em primeiro lugar. Em resumo: o próximo, a quem outrora chamávamos de "cavalheiro", é hoje "um palhaço".

Há muitas explicações para isso; a crise é a principal. Mas essa crise é também uma crise de confiança. Um homem que se disponha a ser delicado acaba suspeito: deve ser um pobre dabo efeminado. E um sujeito que "não se impõe", isto é, não tem importância, podemos tranquilamente tratá-lo com desafêro. Quanto às damas, elas se habituaram a ver em qualquer gesto de cortezia uma tentativa de abordagem.

Qual é o remédio? Eu proporia uma série de exemplos vindos do alto, isto é, do governo. Não digo que o funcionário atrás do "guichet" fôsse obrigado a nos receber com um sorriso encantador, nem que os rapazes do Socorro Urgente saltassem do carro com saquinhos de jujuba na mão para distribuir pelos transeuntes — mas também não precisavam rosnar nem dar pancadas antes de saber o que há. Esses são os exemplos que nos dá, diariamente, o Poder executivo; quanto ao Legislativo...

Mas sejamos delicados; não falemos dessas coisas.

25/7/53 R. B.